



WOLVES OF CRESCENT CREEK

RISING
REIGN

TESSA
HALE

REINADO ASCENDENTE

TESSA HALE

CONTEÚDO

1. Carriga
2. Kingston
3. Carriga
4. Carriga
5. Brix
6. Carriga
7. Carriga
8. Disco
9. Carriga
10. Ender
11. Carriga
12. Carriga
13. Kingston
14. Locke
15. Carriga
16. Ender
17. Carriga
18. Ender
19. Carriga
20. Carriga
21. Brix
22. Carriga
23. Carriga
24. Carriga
25. Disco
26. Carriga
27. Carriga
28. Carriga
29. Kingston
30. Carriga
31. Locke
32. Carriga
33. Disco
34. Carriga
35. Carriga
36. Carriga
37. Carriga
38. Carriga

39. Ender

40. Carriga

41. Carriga

42. Carriga

43. Carriga

44. Locke

45. Carriga

46. Carriga

47. Brix

48. Carriga

49. Carriga

50. Carriga

51. Disco

52. Carriga

53. Kingston

54. Carriga

Epílogo

Também por Tessa Hale

Conecte-se com Tessa

Sobre Tessa Hale

Copyright © 2024 por Tessa Hale. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de nenhuma forma ou por nenhum meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do autor, exceto para o uso de breves citações em uma resenha de livro.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, empresas, eventos ou locais é mera coincidência.

Design de capa: TRC Designs

Formatação de brochura: Champagne Book Designs

CARRIÇA

A chuva batia na minha pele, como se pequenas facas me cortassem. Mesmo assim, inclinei o rosto para o céu que escurecia. Água. Eu precisava dessa água. Abri a boca e peguei o máximo de gotas possível com a língua.

Mantive os olhos fechados. Era mais fácil assim, tentando não prestar atenção nas paredes ao redor do poço. A forma imponente como elas me cercavam. A cobra ocasional que descia. Os incontáveis bichos rastejantes.

Respire, Wren.

Forcei minha inspiração a desacelerar. Nada de respirações bruscas e entrecortadas que alimentassem meu pânico. Ao inspirar o ar abafado, senti o cheiro da água do bayou — sua densidade — e os aromas de podridão que pareciam impregnar o território do meu pai.

Não. Não meu pai. Bastian. O bastardo que tirou tudo de mim.

Minhas costas gritavam, e as lembranças do chicote cortando minha carne me vieram à tona. Uma chicotada para cada mês que estive ausente. Meu lobo pressionava minha pele, querendo sair, querendo livrar o mundo de todos os seres que nos causaram mal.

"Com o tempo", sussurrei. "Com o tempo."

Levantei a camisa que me fora dada após a chicotada, soltando um gemido enquanto ela se descolava da minha pele ensanguentada. Mantendo os olhos fechados, invoquei meu lobo — não para uma transição completa, mas o suficiente para trazer alguma cura.

Minha pele formigava enquanto eu sentia pelos ondularem pelos meus membros, tronco e depois pelo meu rosto. Minha respiração se transformou naqueles ofegos curtos que eu tentava segurar — cheios de dor — quando meus joelhos finalmente cederam e eu atingi o chão lamacento com um baque.

A cura era necessária, mas exigia muita energia. Principalmente porque eu não recebia comida nem água há pelo menos setenta e duas horas. Enquanto meus dedos afundavam na lama, imaginei os caras. Pintei o rosto de cada um deles com tantos detalhes que parecia que eu poderia estender a mão e tocar cada um.

Um som agudo escapou dos meus lábios, minha loba gritando por estar separada de seus companheiros. Minha metade humana estava igualmente devastada. Tudo em mim doía, e não era apenas pelas surras que eu havia levado. Era uma dor profunda na alma.

Mas continuei respirando. Pelos rapazes e por mim. Recusei-me a deixar Bastian Boudreaux vencer. Ele não me quebraria.

Forcei meus olhos a se abrirem lentamente. Estava ficando mais escuro, aumentando o pânico dentro de mim. Mas então imaginei Locke — o jeito como ele me segurava e acalmava minha fome de toque, como sua voz soava com suas gentis palavras tranquilizadoras — e o pânico diminuiu um pouco.

Apoiando-me nos calcanhares, observei os arredores: lama e pedras presas por algo que parecia tela de arame resistente ou algo parecido. Era a única coisa que impedia o poço de desabar, já que ficava muito perto da água.

A chuva diminuiu um pouco, mas, ao mesmo tempo, um arrepio me percorreu. Não era um bom sinal. Minha natureza metamorfa deveria ter me protegido do frio. Se não, minhas reservas de energia estavam se esgotando.

Não deixei o medo daquela constatação me invadir. Deixei a lógica reinar. Porque Bastian não me queria morta. Pelo menos não

ainda. Ele queria que eu sentisse cada gota de dor que ele e seus asseclas infligiam.

Um arrepio percorreu meu corpo ao lembrar da cara rosada de Marcelle enquanto ele usava o chicote. O jeito como ele agarrou meu cabelo depois e sussurrou: "Espere só até você entrar no cio. Vou fazer você pagar de um jeito que seus pesadelos nem imaginam."

Respire, Wren. Apenas respire.

Desta vez, imaginei Kingston. A sensação das suas mãos calejadas emoldurando meu rosto. Como ele prometeu que tudo ficaria bem e fez com que assim fosse. Os presentes doces e atenciosos que ele deixou para eu encontrar.

Meu pânico diminuiu novamente. Porque os caras eram meus talismãs, minhas luzes-guia. E eu encontraria o caminho de volta para eles.

Passos soaram à distância, e eu imediatamente me levantei, com cada músculo e membro gritando em protesto. Eu poderia ter me curado, mas aquele tipo de dor permanecia como um eco que não se pode apagar.

Inclinei a cabeça para trás, observando, esperando, escutando. Os passos eram pesados, provavelmente masculinos, e carregavam raiva.

Preparando-me, recorri um pouco ao meu dom de empatia.

A escuridão pura me atingiu, fazendo-me tropeçar. Imediatamente, levantei minhas defesas, mas a escuridão ainda me invadiu. A náusea me percorreu enquanto a agonia pura me devastava.

Então, um rosto apareceu na lateral do fosso, e Marcelle zombou: "Gostando de voltar para onde você pertence, vadia?"

Eu lutava para puxar o ar para os pulmões. Os aromas podres do pântano do Rio Vermelho e o fedor de revirar o estômago de Marcelle enchiam meu nariz.

"Nada a dizer?", rosnou ele. "Ótimo. Gosto das minhas mulheres silenciosas e obedientes. Você será treinada para isso."

Quase vomitei, mas consegui me controlar. Perder qualquer líquido do meu organismo agora poderia ser catastrófico.

Marcelle jogou uma escada de corda no chão e eu corri para sair do caminho.

"É isso aí. Corre, vadiazinha."

Mordi a parte interna da minha bochecha para conter minha resposta quando a escada bateu ruidosamente na lateral do poço.

"Comece a subir. Seu pai quer te ver."

Precisei de todas as minhas forças para conter o tremor. Não queria dar essa satisfação a Marcelle ou Bastian. Em vez disso, comecei a subir.

Eu tentei recusar quando criança, encolhida como uma bola no fundo do poço, torcendo pela morte. Em vez disso, levei a pior surra da minha vida. Então, Bastian trouxe um curandeiro para me curar, só para fazer tudo de novo. Aprendi a nunca recusar.

Mas algo sobre escolher escalar para o meu próprio castigo era ainda mais doloroso. Fazia-me sentir fraco e patético.

"Você é forte", sussurrei para mim mesma. "Você sobrevive. É isso que importa."

"O que você disse, vadiazinha?" Marcelle retrucou.

Não respondi. Em vez disso, imaginei Brix. A maneira como ele se protegeu e protegeu suas emoções por tanto tempo. O quão forte ele foi em meio à dor. E a maneira como ele me deixou entrar — que presente. Se ele conseguiu superar, eu também conseguiria.

Meu corpo inteiro gritava de dor enquanto eu subia. Músculos. Pele. Ossos. Tudo parecia estar a um segundo de se quebrar irrevogavelmente.

"Mais rápido", exigiu Marcelle.

Eu tentei. Meus músculos gritavam, mas eu me esforçava mais. Assim que cheguei perto, ele me agarrou pelos cabelos, me arrastou para fora e me jogou no chão. Deslizei pela lama como um escorregador nojento.

O nariz de Marcelle se inflou. "Você fede."

Sério, Sherlock.

Eu me contive para não dar voz a esse pensamento. Mas de quem era a culpa por eu estar fedendo? Não era como se tivessem me dado acesso a um chuveiro.

"Levante-se", ele latiu.

Eu me esforcei para ficar de pé, meus músculos tremendo.

Marcelle avançou em duas passadas largas, agarrando-me pelos cabelos novamente. "Comece a andar."

Fiz o que me foi ordenado. O fosso ficava nos arredores do território da matilha, cercado por pequenas cabanas pertencentes aos membros de menor patente. Bastian não queria ouvir seus prisioneiros gritando a noite toda.

Enquanto Marcelle me conduzia, algumas pessoas colocaram a cabeça para fora de suas casas, curiosas para ver a filha traidora do alfa. Houve uma mistura de reações. Aqueles leais ao meu pai zombaram e cuspiram. Outros pareciam assustados. E alguns pareciam tristes — um ou dois até mesmo irritados.

Algo me chamou a atenção: a constatação de que nenhuma das mulheres usava sapatos. Meu estômago doía. Eu também não estava descalça. Eu nunca andava em território de matilha porque meu pai achava que isso me impediria de correr. Mas agora, nenhuma das mulheres tinha permissão?

Marcelle franziu os lábios enquanto seguia meu olhar. "Você lhes custou esse privilégio. A você, e somente a você. Todos eles a desprezam."

Meus ombros se curvaram como se asas pudessem brotar das minhas costas e me proteger do ataque das palavras. Não adiantou. Saber que as mulheres daquela matilha estavam sendo feridas por minha causa me cortava até os ossos.

"Continue andando", disse Marcelle, me empurrando para frente pela cabeça.

Tropecei, meus pés afundando na lama, mas continuei andando. Observei as cabanas por entre as árvores cobertas de musgo. Elas ficavam mais bonitas e maiores à medida que nos aproximávamos da casa principal — a casa de Bastian. Ela se espalhava ao longe.

Destacava-se como um polegar machucado em contraste com as cabanas mais rústicas: tinta branca e colunas que brilhavam em meio ao cenário pantanoso. Não combinava. Assim como meu pai não combinava — falso e não fiel à sua natureza.

Mas Marcelle não me guiou até lá. Em vez disso, ele me virou. Foi então que os vi — tochas iluminando o céu que escurecia e

formando um círculo.

Aquela sensação de torção estava de volta no meu estômago por um motivo totalmente novo.

Duas enormes fogueiras crepitavam de cada lado do círculo, com uma espécie de estrado atrás delas. Uma cadeira, semelhante a um trono, erguia-se no alto, com lobos rosando esculpido nos postes e cenas de batalha se desenrolando nas pernas, enquanto meu pai permanecia sentado impassivelmente sobre ela, com uma mulher ajoelhada a seus pés.

Ergui o queixo, recusando-me a me deixar intimidar por seu talento para o drama. Eu encararia de frente qualquer coisa que ele tivesse planejado. Eu não me acovardaria.

Marcelle me empurrou em direção ao estrado. Tropecei, mas não caí.

O olhar de Bastian percorreu-me. "Florzinha, você está com uma aparência um pouco pior."

Não fiz nenhum som; apenas olhei para ele.

Seus lábios se contraíram. "Tanta audácia em você. Tanto fogo. É surpreendente, realmente. Talvez ainda haja esperança para a linha que vem de você. Mas você terá que provar seu valor."

Marcelle zombou, mas fingi que não conseguia ouvir.

Os dedos de Bastian tamborilavam no braço da cadeira, seus muitos anéis brilhando à luz do fogo. "Se você for bem-sucedido, receberá um banho, uma refeição e uma cama para passar a noite. Se não for bem-sucedido, terá que voltar para a arena por mais uma semana."

Não deixei a esperança transparecer no meu rosto. Isso daria muito prazer a Bastian.

"Mas você terá que vencer", ele rosou.

O medo se acumulou em meu estômago. Vença.

Eu sabia o que aquilo significava. As tochas. As fogueiras. A matilha reunida.

Eles viviam para essas noites — as batalhas sangrentas que divertiam Bastian e podiam lhes render favores por um breve momento. Mas eu era uma submissa, e os últimos três dias de tormento me deixaram fraca, com minhas forças fugazes.

Bastian estendeu a mão para agarrar o queixo da mulher ajoelhada e o levantou. "Diga-me, querida. Você lutará pela minha honra?"

"Sim, Alfa", ela sussurrou recatadamente. Mas eu vi seus músculos se contraírem enquanto ela falava. Tudo nela era uma máquina refinada.

"Levante-se, Lilli", ordenou Bastian.

Ela o fez com elegância, e minha boca ficou seca. A mulher tinha pelo menos 30 centímetros a mais que eu e, enquanto ela se espreguiçava, percebi que eu estava certo sobre aquele músculo. As cicatrizes nos nós dos dedos me diziam que ela não era estranha a uma briga.

Bastian me encarou. "Você lutará pelo privilégio do meu abrigo. Você lutará até a morte bater à sua porta."

KINGSTON

Olhei para o fogo enquanto ele crepitava. Deveria estar quente demais para acender uma, mas as montanhas do Colorado ficaram incrivelmente frias surpreendentemente cedo este ano — como se as montanhas também estivessem de luto pela perda de Wren, clamando por seu retorno. Meu lobo uivava dentro de mim, furioso contra as muralhas que eu havia construído ao seu redor.

Não tinha como libertá-lo naquele momento. Eu não confiava que ele não se tornaria selvagem e correria direto para a Louisiana. Ele iria direto para Wren e nos mataria no processo.

Os passos atrás de mim soavam irritantes, com sua rapidez apavorada e seu vaivém desesperado. Eu não achava que Puck tivesse parado de se mover desde que Wren desapareceu. "Precisamos nos mexer", ele rosnou.

Não me virei; continuei olhando para o fogo como se ele contivesse todas as respostas do mundo. "Precisamos de um plano. Precisamos ter certeza se Wren está em território da matilha e precisamos de reforços."

Para qualquer outra pessoa, minha voz soaria como se não contivesse emoção alguma. Só eu sabia que cada palavra era carregada de agonia. Fracasso. Culpa. Destruição emocional da mais alta ordem.

O som de clique se intensificou, estimulado pelas minhas palavras. "Estou tentando", rosnou Locke. "O sistema deles é bom, mas se eu conseguir hackear as câmeras de segurança, pelo menos saberei no que estamos nos metendo."

Depois do incêndio, rastreamos os lobos de Red River até a pista de pouso ao norte da cidade. Mas foi lá que os cheiros deles — e o de Wren — desapareceram. Locke fez o que tinha que fazer e invadiu os registros de voo. Eles tentaram esconder seus rastros voando para o Texas e depois para o Kentucky, mas o destino final do avião particular era uma pequena cidade a algumas horas de Nova Orleans. Eu sabia, no fundo, que Bastian a havia levado de volta para Red River.

Uma nova onda de agonia me atingiu. Wren, nas mãos de um monstro, o mesmo homem que causara tanto dano à minha irmã que ela tirara a própria vida. Minha mente não conseguia parar de inventar as piores imagens de Wren suportando tudo isso e muito mais.

Meus dedos apertaram a borda da lareira de pedra. Ouvia-se um estalo, e a pedra sob minha mão se desfez em pó.

Uma palma pousou no meu ombro, dedos apertando. Eu sabia pelo cheiro que era a pessoa que eu menos esperava, Brix, o homem que Wren havia curado de maneiras incontáveis. Alguém que era tão avesso a qualquer toque que não fosse doloroso agora buscava me confortar.

"Não é culpa sua", ele sussurrou.

Eu me desvencilhei dele e me afastei. Puck talvez estivesse certo com todo aquele andar de um lado para o outro. "Ender, alguma coisa da sua fonte?"

Ele balançou a cabeça, com uma expressão completamente impassível. "Ele está fazendo tudo o que sempre quis. Te aviso assim que tiver alguma coisa."

Porra.

Cada segundo que não fazíamos nada era mais um em que Wren vivia em agonia. Minha visão ficou turva enquanto a fúria aumentava. Me movi sem pensar, soltando um rugido ao agarrar a mesa de centro antiga e arremessá-la contra a parede.

Ela se estilhaçou em inúmeros pedaços, espalhando copos de bebida e pratos de comida não consumida. A sala inteira ficou em silêncio. Os únicos sons eram os dos pedaços da minha destruição se acomodando e os estalos e estalos do fogo.

Meu peito arfava enquanto eu respirava com dificuldade. Não era o suficiente. Nada era. Eu havia falhado com Wren da pior maneira possível, e agora ela estava pagando o preço.

Avancei em direção à gaiola encostada na parede, precisando destruí-la também. Puck, Brix e Ender se aproximaram, Brix e Ender agarrando meus braços enquanto eu lutava contra eles, rosnando e mordendo.

"Porra", murmurou Puck. "Devo tomar um tranquilizante?"

Nós os mantivemos na sala médica, caso um de nós entrasse em estado selvagem, mas a ideia de ele me injetar um deles só me fez lutar ainda mais.

Ender praguejou. "Sim. Pegue. Agora!"

"Espere!", gritou Locke. "Estou dentro."

Essas duas palavras acenderam uma pontinha de esperança em mim. Uma pista. Uma informação. Algo que poderia nos ajudar a resgatar Wren em segurança.

A vontade de lutar me abandonou. Brix e Ender continuaram me segurando, esperando para ver se era uma falsa submissão, mas não era. Depois de alguns segundos, eles me soltaram.

Esfreguei a mão no rosto. "Desculpe. Eu..."

"Cai fora", murmurou Puck. "Eu odiava aquela mesa mesmo."

Eu queria rir, mas não consegui. Em vez disso, contornei o sofá, querendo ver o computador. Os outros me seguiram. Os dedos de Locke alternaram entre digitar e usar o trackpad. E então pararam completamente.

"Putá merda", ele xingou, e então ampliou a visão da câmera.

Wren estava diante de Bastian, que estava em um maldito trono, mas não foi isso que deixou Locke em pânico. Eram as costas de Wren. Ela estava de costas para a câmera, que precisava estar escondida em uma árvore, e usava uma camiseta larga que deveria ser branca, dada a cor das mangas. Em vez disso, estava manchada de rosa, vermelho e marrom, com uma mistura de sangue e lama.

As cicatrizes de Wren ecoavam em minha mente. Evidências de toda a tortura que ela suportara nas mãos do pai. E agora ela estava de volta. Meus dentes de trás rangiam com tanta força que eu tinha quase certeza de que havia fraturado um molar. Mas eu não dava a mínima. Eu só tinha olhos para Wren.

— Temos que tirá-la daqui — Puck disse com a voz rouca. — Não podemos deixá-la lá.

A respiração de Brix ficou mais rápida, mais irregular. "Eu... vou... matar... todos e cada um deles. Vou me banhar no sangue deles e enfiar suas cabeças em lanças."

"Locke", disse Ender, com a voz desprovida de qualquer emoção. "Mapeie todos os locais de câmeras e pontos de observação." Ele olhou para mim. "Eles têm razão. Não podemos esperar mais."

Eu sabia que ele estava certo. Não importava que estivéssemos enfrentando um bando trinta vezes maior que o nosso. Daríamos um jeito. "Vou preparar o avião."

Meu celular tocou quando o peguei, mas o som era uma notificação para o portão. Franzi a testa e toquei na tela. Um rosto familiar apareceu pela janela de um SUV e preencheu minha tela. "Hera? O que você está fazendo aqui?"

Seus olhos verde-claros estavam duros enquanto ela me encarava. "Eu sei como reconquistá-la."

CARRIÇA

Um punho atingiu meu rosto, fazendo minha cabeça recuar, mas mal senti a dor. Estava anestesiado, e era melhor assim.

As últimas quarenta e oito horas foram um desafio após o outro, com meu pai perdendo cada vez mais a paciência enquanto eu derrotava cada uma de suas lobas. A primeira fora sua mascote, uma mulher que, mesmo agora, me encarava de seu lugar aos seus pés. A próxima fora uma de suas capangas. Em seguida, eu enfrentaria um dos capangas.

Os machos da nossa espécie tinham mais força — era uma questão de constituição física —, mas isso não importava quando eu podia usar o tamanho deles contra eles. Principalmente depois que meu pai foi forçado a cumprir sua palavra de me dar uma refeição quente, um banho e uma cama para a noite. Minha força havia sido revitalizada.

O problema era que ele não tinha sido tolo o suficiente para fazer promessas desde então. Eu tinha tomado um copo d'água entre as lutas hoje e fui forçado a dormir na arena novamente. Mas ele não me quebraria.

Quando invoquei um dos caras na minha mente novamente, era Ender dessa vez, sua expressão dura me dizendo que eu era melhor

do que aquilo. Suas palavras me atacaram, exigindo que eu acabasse com aquele babaca. Invoquei sua força e astúcia.

Abaixei-me impossivelmente baixo quando a perna do capanga me atingiu em um chute rápido. Quando ele chegou ao ponto máximo do chute, corri para cima. Rapidamente, agarrei seu pé e o forcei a se deitar de costas. Ele caiu com um baque, espalhando lama por toda parte.

Não perdi o ritmo. Aproximei-me e o envolvi com meus braços e pernas em um triângulo. Seus dedos se alongaram até virarem garras — um movimento sujo, já que a mudança de posição era proibida nessas lutas — e ele os arrastou pelas minhas laterais e pernas.

Não consegui conter o grito quando alguém na multidão vaiou e outro aplaudiu. Mas aguentei firme durante todo o tempo. O rosto do capanga ficou mais vermelho e eu o senti sumir. Mais um, dois, três, e o homem desabou sobre mim.

Empurrei-o para longe no mesmo instante e me levantei. Meu peito arfava, cada inspiração fazendo minhas costelas gritarem de dor onde estavam as marcas mais profundas. Tentei avaliar mentalmente minhas reservas de energia para ver se tinha o suficiente para me curar, mas não tinha certeza se tinha. Principalmente se Bastian planejasse me mandar para outra luta.

O único sinal de raiva no rosto de Bastian era a leve contração muscular ao lado da boca. "Minha matilha é realmente tão patética assim? Ninguém supera minha filha híbrida, uma vadia submissa? Ela é uma abominação!"

Nenhuma de suas palavras me atingiram como quando eu era criança. Porque agora eu as reconhecia como mentiras.

Um homem enorme deu um passo à frente. Não o reconheci da minha infância, o que significava que ele devia ser novo na matilha e escolheu se tornar parte do Rio Vermelho. O que significava que ele gostava da escuridão que ali residia.

"Eu vou vencê-la, Alfa. Eu vou te honrar", rosnou o homem. Ele devia pesar três vezes mais que eu, e eu jurava que o chão tremeu quando ele deu um passo à frente.

Um sorriso se formou na boca de Bastian. "Eu sabia que podia contar com você, Rex."

"Não tenho certeza se essa é a melhor ideia, Bastian", disse uma nova voz. Era esfumaçada, mas com um toque de calor. Eu não conseguia ver o rosto da mulher porque ela usava uma capa com capuz que cobria a cabeça.

Alguns rosnados e rosnaços ecoaram pelo ar, mas Bastian ergueu a mão para silenciá-los. "Fale, curador."

A mulher lentamente puxou o capuz para trás e revelou um lindo cabelo loiro-avermelhado e deslumbrantes olhos verde-claros. Sua pele era como porcelana, salpicada de sardas no nariz. Nenhuma parte dela parecia pertencer àquele lugar.

A mulher sorriu, e eu jurei que a tensão no ar diminuiu um pouco. "Obrigada, Alfa. Se você quer que sua filha carregue algum filhote, não deve submetê-la a essas provações. Se continuar a estressá-la desse jeito, o lobo dela nunca permitirá que o cio chegue."

Fiquei imóvel, sem sentir mais paz diante da presença daquela mulher. Queria arrancar a garganta dela. O cio de uma loba acontecia uma vez por ano, mas se uma loba estivesse faminta ou em extrema angústia, o cio não a atingiria. Eu estava extremamente feliz por isso naquele momento.

Os olhos de Bastian se estreitaram. Eu tinha certeza de que ele estava percebendo meu estado miserável e mais do que apenas a lama que cobria a maior parte de mim. Eu tinha um olho roxo, um lábio cortado e agora sangrava por todo lado, graças às garras do capanga.

"Lilli, limpe-a", ordenou Bastian. "Depois quero que a curandeira a examine."

O bichinho de estimação de Bastian lançou-lhe um olhar furioso. "Mas, Bas..."

Ele lhe deu um tapa tão forte que ela voou do estrado e caiu na lama. "Você vai me respeitar."

A mulher tremeu, com os olhos baixos. "Desculpe, Alfa."

"Faça o que eu disse", ele latiu.

Eu não sabia o que seria pior: ser acompanhada por Lilli ou Marcelle. Mas, considerando que um banho era provável, eu levaria Lilli sempre.

A loba se levantou, caminhou até mim e agarrou meu braço, esticando as garras até que elas perfurassem meu músculo. Engoli um grito, recusando-me a deixá-la vencer.

Lilli me arrastou para dentro de casa enquanto Bastian chamava mais dois lutadores, sua sede de sangue evidentemente não saciada pelas minhas lutas. "Você vai pagar por isso, vadia."

Guardei meus pensamentos e palavras para mim, sem deixar de notar que a curandeira nos seguia silenciosamente. Lilli me carregou escada acima até o quarto em que eu havia ficado na noite anterior — aquele que fora meu na minha infância.

Havia um mural na parede representando um lobo em um campo de flores silvestres e uma cama de dossel digna da princesa que Bastian esperava que eu fosse, até descobrir minha natureza submissa. Era demais para o meu sangue contaminado.

Lilli me empurrou, me fazendo tropeçar. "Se arruma, vadia."

Enquanto ela se afastava, a mulher de capa entrou no quarto e fechou a porta atrás de si. Arreganhei os dentes. "Se você sequer pensar em fazer uma mágica para me excitar, eu arranco sua garganta."

A mulher sorriu para mim como se sentisse uma alegria genuína com minhas palavras. "Ótimo." Então, ela enfiou a mão no bolso. Pegou uma bolsinha de cordão e esvaziou o que parecia ser um pó na mão.

Comecei a recuar, procurando uma arma na sala, mas a curandeira foi mais rápida. Ela sussurrou um encantamento e soprou o pó em minha direção. "Lembre-se, Wren. Lembre-se."

No momento em que as partículas e o feitiço me atingiram, as memórias também. Era como se eu estivesse assistindo aos acontecimentos de cima: os caras parados ao meu redor na sala médica, meu corpo dilacerado. Reconheci as roupas. Eram as mesmas que eu usava quando os Andarilhos da Morte me levaram. Esta mulher também estava lá.

As chamadas memórias vieram em flashes, fragmentos de alguns segundos de um filme, mas uma coisa era clara. Esta mulher estava... me curando. Ela deve ter sido quem me salvou quando eu estava perto da morte. Aquela que eu nunca conheci em estado consciente.

Eu me afastei bruscamente da névoa induzida pelo feitiço e cambaleei um passo para trás. "Você me curou", respondi com a voz rouca.

Ela levou um dedo aos lábios, e eu sabia o porquê. Ouvidos atentos poderiam estar em qualquer lugar. "Hera. Prazer em conhecê-la oficialmente."

Pisquei e perguntei sem emitir som: "O que você está fazendo aqui?"

"Haverá tempo para isso mais tarde. Primeiro, vamos te limpar."

Hera puxou outra bolsa e a rolou entre as mãos enquanto entoava o encantamento. Ela se aproximou, derramando o conteúdo sobre minha cabeça enquanto continuava seu encantamento. As ervas giraram ao meu redor, iluminando o ar até me atingirem de uma só vez.

Respirei fundo. Não doeu exatamente. Parecia mais como se alguém tivesse me injetado adrenalina pura. Meu coração disparou e meu pulso disparou. Tudo ao meu redor acelerou até a supervelocidade. E então tudo simplesmente... parou.

O tempo congelou por uma contagem de três e depois voltou ao normal. Olhei para mim mesma. A lama e o sangue haviam sumido, assim como os ferimentos. Eu me sentia... bem. Mais do que bem. Eu me sentia mais forte do que nunca em meses.

"O-o que você fez?" gaguejei.

"O que Bastian pediu." Ela bateu na orelha para indicar que alguém estava ouvindo. "Eu te curei." Ela atravessou a sala lentamente, colocou algo na minha mão e se inclinou. "Esteja pronta."

Um momento depois, ela se foi, fechando e trancando a porta atrás dela. Lentamente, desdobrei meus dedos e encontrei uma faca. Uma que eu reconheci. Uma que fez meus olhos arderem ao ler a única palavra gravada no cabo.

KINGSTON.

CARRIÇA

Uma música ecoava de algum lugar lá fora, trazendo consigo os sons de uma festança embriagada. Era preciso muito álcool para embebedar um metamorfo-lobo, mas a matilha do Rio Vermelho estava sempre pronta para o desafio. A sede de sangue de Bastian deve ter sido saciada por quem quer que tenha lutado atrás de mim, o que o levou a se divertir de forma diferente.

Deitei-me na cama, sabendo que deveria tentar dormir, mas com medo de fechar os olhos. As palavras de Hera ecoavam sem parar na minha mente. "Esteja pronta."

Eu estava com medo de deixar a esperança encontrar um lar no meu peito. Com medo de acreditar que os caras pudessem estar planejando algum tipo de missão de resgate. Só de pensar nisso, o medo tomou conta de mim. A matilha Arcana tinha cinco lobos. Rio Vermelho agora contava com quase cem. Não havia competição. Os caras seriam massacrados.

Tudo em mim se contorcia, se retesava. Eu não podia ser responsável por algo que acontecesse com eles. Não conseguiria lidar com um mundo sem eles.

Minha porta se abriu e eu me levantei de um salto. A faca que Hera me dera — enfiada na lateral do meu corpo, sob a calça jeans que alguém havia separado para mim — incendiou-se com a minha

consciência. Mas não a peguei. Nem mesmo quando Marcelle entrou no quarto.

Ele curvou o lábio superior. "Seu pai quer você na festa."

Não disse nada. Imaginei que aquela fosse minha única arma no momento. Mas me preparei, pronta caso Marcelle fizesse um movimento errado.

Ele agarrou meu braço e me puxou escada abaixo. "Bastian acha que aquele curandeiro sabe de tudo, mas acho que poderíamos te derrotar até sangrar, e você poderia carregar meu filho do mesmo jeito."

Fiz tudo o que pude para não tremer enquanto a náusea me percorria com suas palavras.

Marcelle esperou que eu dissesse alguma coisa, qualquer coisa. Como eu não disse, ele soltou um rosnado baixo e me arrastou para fora. "Vou ouvir você gritar logo."

Suas palavras cortavam a música country alta, e eu sabia que elas viveriam para sempre em meus pesadelos. Marcelle me arrastou pela multidão enquanto as pessoas dançavam e bebiam. Casais se beijavam ou se esfregavam — alguns até transavam ao ar livre.

Bastian sentou-se no estrado novamente, observando tudo, com Lilli ao seu lado e Hera por perto. Meu estômago revirou. Eu queria acreditar que podia confiar nela, mas confiança não era algo fácil para alguém como eu.

Marcelle continuou me empurrando pela multidão até chegarmos a algo que não estava lá antes. Uma porra de uma gaiola. Ele sorriu para mim. "Seu pai quer você aqui, mas ele não vai correr riscos desta vez. Entre."

A princípio não me mexi, ainda chocado com as barras de metal que pareciam algo da Idade Média.

Marcelle abriu a porta com um puxão, me empurrou para dentro, depois girou a fechadura e guardou a chave no bolso. "Até mais, Florzinha."

A música ficou incrivelmente mais alta, fazendo meus ouvidos doerem. Os outros lobos ali provavelmente não se importavam, por causa de seus estados de embriaguez. Bastian parecia não se afetar; ele simplesmente sentou e assistiu à devassidão se desenrolar à sua

frente como se fosse seu programa favorito. Bastian amava duas coisas: prazer e dor.

Às vezes, eu não tinha certeza do que ele gostava mais. Mas, olhando para ele agora, eu sabia que era dor. Ele observava seus lobos beberem, dançarem e se divertirem, mas não gostava de nada disso tanto quanto das lutas brutais.

Um movimento chamou minha atenção e consegui me abaixar no último momento possível quando uma garrafa voou em minha cabeça.

"Pode ser uma vadia traidora, mas ela é rápida", disse um homem que reconheci vagamente.

Bastian gargalhou. Eu conhecia o som tão bem que conseguia identificá-lo através da música e das vozes. Prazer na dor alheia. Isso o deixava mais feliz.

"Vadia", acusou uma mulher, jogando em mim o que quer que estivesse em seu copo.

Uma espécie de ponche vermelho espirrou em mim, pegajoso e com um cheiro adocicado e um toque de álcool. Rangei meus molares posteriores e minha faca abriu um buraco na minha lateral. Meus dedos coçavam para puxá-la.

"Traidor!", gritou um homem, atirando algo na minha jaula. Consegui me abaixar novamente, percebendo que era uma pedra.

Bastian gargalhou alto. "Diga-me, curador. Você conseguiria curar alguém com um buraco na cabeça?"

Os lábios de Hera se contraíram. "Isso é demais."

"Que pena", murmurou Bastian. "Eu adoraria ver."

Um zumbido familiar aguçou meus ouvidos — algo tão fraco que quase não percebi. E então eles caíram. O homem que jogou a garrafa de cerveja. A mulher com o ponche de frutas. O homem com a pedra.

Todos caíram no chão, com flechas cravadas em seus peitos.

Meu olhar voou para as árvores, o único lugar de onde os projéteis poderiam ter vindo, e pensei apenas em uma palavra: Ender.

O caos se instalou. Os executores correram em direção ao meu pai, tentando levá-lo para dentro de casa, e ele correu como o

covarde que era. Mas só depois de latir ordens para todos os outros.

Outros membros da matilha do Rio Vermelho começaram a cair, mas apenas aqueles que estavam em posição de combate. Muitos dos lobos simplesmente fugiram porque não tinham verdadeira lealdade a Bastian.

O homem da montanha que se ofereceu para lutar comigo transformou-se num lobo igualmente enorme, marrom e cinza, e correu em direção às árvores. Meu estômago embrulhou só de pensar nele enfrentando um dos caras. Eles ficariam bem. Tinham que ficar.

Sons de luta irromperam por onde eu conseguia enxergar, e o pânico se instalou. Um lobo familiar, com olhos verdes penetrantes, correu em direção a um homem do Rio Vermelho, apontando uma arma para a linha das árvores. Puck saltou no ar, agarrou o homem pelo pescoço e o sacudiu como se fosse uma boneca de pano. Um segundo depois, o homem caiu, com o olhar vazio enquanto sangue pingava da boca de Puck.

Um movimento surgiu na minha visão periférica. Outra figura familiar surgiu, mas esta me fez sentir um medo profundo. Marcelle caminhou em direção à minha jaula.

"Acha que vai se soltar, sua putinha?" Ele enfiou uma chave na fechadura e abriu a porta com um puxão. Ele era rápido — tão rápido que não tive chance de bloqueá-lo. O golpe na minha bochecha me fez cambalear para trás, e então ele me agarrou pelo pescoço. "Vou te matar antes de te ver livre."

"Não", resmunguei. "Eu vou te matar."

Peguei a faca da cintura, abri-a e enfiei a lâmina profundamente no peito de Marcelle. Seus olhos se arregalaram de choque e sua pressão sobre mim diminuiu. E então ele caiu. Continuei segurando a faca enquanto ele desabava no chão. O sangue escorria pelo tecido de sua camisa e se espalhava pela terra embaixo dele.

Morto. Eu o matei.

BRIX

Corri pela floresta, com a minha visão de lobo assumindo o controle enquanto minhas quatro patas batiam no chão em velocidade recorde. A única coisa em que eu conseguia pensar era em Wren. Não importava o quanto tivéssemos nos dedicado ao planejamento; isso poderia dar errado de várias maneiras — especialmente porque a enorme extensão do território do Rio Vermelho significava que cada um de nós teria que entrar sozinho.

Tínhamos nosso elo de matilha para nos manter em contato, mas ninguém estava nos protegendo. Ender dissera que era o único jeito. Precisávamos eliminar os capangas em patrulha primeiro.

Foi uma sorte que a matilha do Rio Vermelho tivesse um sistema de torres de vigia. Seus guardas ficavam no alto dessas torres, exceto durante as patrulhas de hora em hora. Locke tinha observado as transmissões para calcular o tempo, e nós atacamos bem quando eles estavam descendo.

Mas no momento em que Ender começou a atirar flechas nos desgraçados, o caos se instalou. Meus irmãos precisavam de reforços, e precisavam agora.

Pressionei com mais força, meus músculos doendo enquanto corria para onde Ender dissera que Wren estava preso. Puck já estava lá, e Locke e King estavam a caminho.

Cariça.

Uma imagem dela passou pela minha cabeça. O jeito como seus olhos brilharam quando revelei a tatuagem que fiz em sua pele. O jeito carinhoso como ela me olhava quando éramos só nós dois. Como ela acalmava tudo dentro de mim.

Um rosnado percorreu o ar. Meus pelos se arrepiaram no momento em que um lobo marrom e cinza se lançou contra mim. Rolamos enquanto ele me derrubava, mas usei seu tamanho contra ele, deixando seu peso puxá-lo para a posição inferior.

Eu agarrei seu pescoço enquanto ele arranhava minha barriga com as garras. A dor me atingiu, mas eu a ignorei, indo mordê-lo novamente. Ele se esquivou, arranhando meu ombro com as garras, mas o deixou exposto. Consegui agarrar seu pescoço dessa vez e não me contive.

Meus dentes cravaram-se em seu pelo e arranquei sua jugular. Seu sangue tinha um gosto... errado. Drogas, percebi. Cuspi enquanto os olhos do lobo se arregalavam e depois se imobilizavam, sem piscar. Só mais uma mancha negra na minha alma. Mas valia a pena libertar Wren.

Atravessei a floresta novamente enquanto a voz de Ender enchia minha mente. Depressa, ele a pegou, e eu não tenho a mínima chance.

Empurrei com mais força, invadindo a clareira, e então parei de repente. Lutas aconteciam em várias arenas. Kingston e Locke estavam em suas formas humanas, Puck em sua forma de lobo, mas eu só tinha olhos para Wren.

Um homem de cabelos escuros e olhar lascivo a segurava pelo pescoço e a arrastava para fora de uma jaula. Um rosnado escapou da minha boca e eu me preparei para pular, mas então Wren puxou algo da cintura e esfaqueou o homem no coração. Ele caiu no chão.

Ele olhou para o nada enquanto seu sangue se acumulava sob o corpo. Um rugido de apreciação escapou de mim, e eu corri em direção a Wren. Seu olhar se ergueu rapidamente ao me aproximar, e eu desejei poder falar mentalmente com ela agora, dizer o quanto eu estava orgulhoso dela. Mas eu não teria essa habilidade até que todos nós estivéssemos acasalados com ela.

Em vez disso, me contentei em dar uma cabeçada na lateral do corpo dela e lambeu seu queixo. Os dedos de Wren afundaram no meu pelo. "Brix", ela sussurrou.

O alívio me invadiu. Ela estava bem. Viva. Respirando.

"Peguem ela!" gritou um homem, levantando um rifle na minha direção.

Kingston apontou uma arma de resposta para ele no último instante e acertou o homem bem no meio dos olhos. Ele caiu, mas os dois que estavam com ele se moveram e correram direto para nós.

King tentou disparar outro tiro, mas foi puxado para uma batalha corpo a corpo com outro homem. Soltei um rosnado baixo, me preparando para os dois lobos que vinham direto para mim e Wren. Wren assumiu uma posição de combate, com a faca em punho.

Um dos lobos saltou no ar, mirando em Wren, mas assim que seu salto atingiu o ápice, uma flecha o atingiu diretamente no olho. Não tive a chance de admirar a pontaria de Ender porque estava muito ocupado enfrentando o lobo número dois. O lobo dourado e marrom investiu, mas eu cravei minhas garras em seu flanco enquanto me esquivava.

O lobo uivou e rosnou em resposta. Ele se virou para me encarar de frente enquanto meus irmãos lutavam contra os outros. Saliva escorria de suas presas, e não pude deixar de me perguntar se ele também estava drogado.

Ele investiu novamente, beliscando meu ombro já machucado, mas eu mergulhei para o lado e rolei. Me apoiando novamente nas patas, ataquei. O lobo dourado uivou de dor, mas continuou avançando. Eu não tinha escolha.

Quando ele investiu pela terceira vez, agarrei-o pelo pescoço. Um puxão rápido e senti sua espinha estalar. O lobo caiu molemente no chão. Que desperdício. E tudo porque a criatura havia sido doutrinada por Bastian Boudreaux.

Era como se o metamorfo tivesse algum poder sobre eles, alimentando a escuridão que vivia dentro deles e fazendo-a crescer.

"Temos que ir agora", gritou Kingston enquanto corria em nossa direção. "Locke está roubando um dos veículos deles."

Como se para enfatizar o ponto, o som de um motor surgiu ao longe. King puxou Wren para seus braços e beijou sua cabeça. "Você está bem."

Ela assentiu rapidamente. "Vamos."

Ender voou em uma espécie de roldana de corda que havia pendurado entre as árvores e caiu no chão no momento em que Puck correu, ainda em sua forma de lobo. Ender imediatamente preparou seu arco e flecha enquanto nos movíamos em direção ao som do veículo se aproximando.

Então, uma voz ecoou da casa principal: "Não deixem o traidor viver!"

Tudo aconteceu em câmera lenta.

Um homem saiu do prédio, ergueu um rifle. Ender se virou, mirando sua flecha. Ambos atiraram ao mesmo tempo. O tiro de Ender foi certo, atingindo o homem bem entre os olhos. Mas a bala do homem também fez contato.

Kingston se moveu, empurrando Wren para o lado, mas não foi rápido o suficiente. A bala o atingiu bem no peito. Seus olhos se arregalaram, olhando para o lobo enquanto a dor o atravessava. Seu corpo atingiu o chão com uma força estrondosa, e então o mundo ficou em silêncio.

CARRIÇA

Tudo veio em flashes agudos e espasmódicos. O som da bala. Kingston me empurrando para o lado. Ele caindo no chão. Todo aquele sangue.

Um enorme SUV parou bruscamente do lado de fora da clareira, e uma parte de mim reconheceu Locke ao volante e uma porta traseira se abrindo, Hera pronta.

As flechas de Ender voavam, chovendo sobre qualquer um que aparecesse, mas eu só tinha olhos para King. O sangue encharcara sua camiseta, espalhando-se rápido demais e para longe. Puck se mexeu, pegando King nos braços e correndo para o SUV enquanto Ender fornecia cobertura. Deslizei para o banco de trás com os outros, e Ender e Brix pularam para o banco de trás.

"Ajude-o", eu gritei para Hera.

Seu rosto empalideceu ao observar a figura de Kingston. Seus olhos estavam fechados agora, sua respiração ofegante.

"Por favor", implorei a ela.

"Mãos no peito dele, sobre o ferimento. Pressione o mais forte que puder", ela instruiu.

Eu me movi instantaneamente, ajoelhando-me no chão e colocando todo o meu peso no contato.

Os olhos do Rei tremeram e ele soltou um gemido de dor.

"Sinto muito", sussurrei. "Sinto muito mesmo."

Seus olhos se abriram, com as pálpebras pesadas, tentando se concentrar. "Wren..."

"Estou aqui. Aguenta firme. Vamos te dar um jeito. Aguenta firme."

"Amo... você... a melhor honra... da minha... vida... amar você", ele disse asperamente.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto, misturando-se ao sangue do Rei com uma beleza horrível enquanto caíam. "Não me deixe. Por favor, não me deixe."

Seus cílios tremeram novamente e, dessa vez, seus olhos se fecharam.

"Quão perto do esconderijo?" Hera latiu.

"Cinco minutos fora", Locke gritou.

"São três", ela ordenou. "Você abasteceu com meus suprimentos?"

"Claro que sim", rosnou Puck enquanto vestia uma camisa para combinar com o moletom que obviamente havia tirado de algum lugar do veículo. Como o SUV pertencia a metamorfos, não foi nenhuma surpresa encontrar roupas extras, mas vi seu nariz torcer ao sentir o cheiro do inimigo.

Hera tirou uma bolsa do bolso e despejou o conteúdo sobre o Rei. "Isso não vai ajudar por muito tempo, mas vai segurá-lo por enquanto."

Ela começou a entoar um cântico, e a luz iluminou o SUV, faíscas que circulavam e dançavam, pairando sobre King. Meu olhar se moveu entre a luz, Hera e Kingston. Seu rosto ficava mais pálido a cada segundo, e eu, de alguma forma, sabia que ela não tinha muitas reservas restantes.

Fechei os olhos, elevando preces aos deuses da natureza e do universo, implorando para que não tirassem King de mim quando estávamos apenas começando.

Pneus cantaram e paramos bruscamente. As faíscas se apagaram e então nos movemos novamente. Puck e Ender tiraram King do veículo, levando-o em direção a uma cabana que eu não reconheci.

"Na mesa", gritou Hera, correndo para a ilha da cozinha.

Fiquei ao lado do Rei, segurando sua mão enquanto o colocavam na superfície dura. Ele gemeu, mas seus olhos não se abriram. Eu podia senti-lo se esvaindo. As amarras que ainda não nos prendiam estavam se desvanecendo.

Hera foi até a mesa, gritando ordens. Ela cortou a camisa do corpo do Rei, e sangue fresco se acumulou. Ela praguejou e seu olhar se voltou para mim. "Você é a única esperança dele. Você precisa mantê-lo aqui."

"Como? Diga-me o que fazer. Eu farei."

"Você precisa mordê-lo. Crie um vínculo com ele. Pode ser o suficiente para salvá-lo."

Os caras começaram a gritar imediatamente.

"Isso pode matá-la!" Puck gritou.

"King nunca iria querer colocá-la em risco daquele jeito", argumentou Locke.

Tudo estava errado. Um vínculo unilateral seria um desastre a longo prazo, mas eu também sabia exatamente por que Hera havia sugerido isso. Poderíamos extrair força de nossos companheiros de vínculo, e naquele momento, era disso que King mais precisava.

Ele estava disposto a dar a vida por mim, e eu faria o mesmo por ele.

Meus caninos se alongaram, pressionando minhas gengivas. Antes que alguém pudesse me impedir, mordi o ombro de Kingston, enviando todo o meu amor, força e esperança com a mordida. Sensações me percorreram — prazer e dor, esperança e medo. Onda após onda até que senti um clique mental.

Puxei delicadamente meus dentes da carne do Rei e limpei as pequenas manchas de sangue. Abaixo da mordida, uma marca começou a aparecer. Um coração meio coberto com o que pareciam bandagens de academia. Um grito sufocado escapou dos meus lábios.

"Pegue a mão dele", ordenou Hera. "Mantenha-o aqui."

Agarrei a mão do Rei com toda a força que pude. Minha visão ficou turva enquanto ela trabalhava com uma mistura de táticas médicas e mágicas. A energia do Rei começou a se esvaír, e eu injetei mais da minha nele.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "[3] Rising Reign - Tessa Hale" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).